

**A bravura e a ingenuidade das mulheres de Torga:  
Maria Lionça e Mariana**  
*Strength and ingenuity in Torga's female characters:  
Maria Lionça and Mariana*

Elizabeth Cardoso CARVALHO<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretendemos, neste trabalho, apresentar através de um conto de Miguel Torga, a sua profunda ligação com a terra natal, com a natureza e a enorme sutileza em retratar as emoções mais profundas do ser humano no movimento dos seus personagens.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa. Miguel Torga. Natureza.

**Abstract:** *We aim to present through a tale of Miguel Torga, his deep connection with his homeland, with nature, and his enormous subtleness in portraying the deepest emotions of the human being in the construction process of his characters.*

**Keywords:** Portuguese Literature. Miguel Torga. Nature.

*“Quem vê o seu povo vê o mundo todo”.*  
Provérbio beirão

Adolfo Correia da Rocha, ao adotar o pseudônimo de Miguel Torga, teve a intenção de homenagear três espanhóis que admirava: Unamuno, Molinos e Cervantes. O sobrenome Torga remete às urzes que atapetavam o chão da sua infância e também é um tributo à pequena aldeia de São Martinho de Anta, onde as torgas se multiplicam pelas encostas dos montes, ficando suas raízes duras entre as rochas, agarrando-se ao solo transmontano, rompendo os limites da terra física e desenhando a céu aberto uma terra espiritual povoada de pequenos grandes seres que o ajudaram a compor o cenário dos seus Contos da Montanha. “Poeta de profunda consciência nacional”, segundo Everardo Norões, amava sua terra natal e, à época das perseguições e prisão (PIDE), algumas vezes teve vontade de sair do país, mas dizia ele: “abandonar a pátria com um saco às costas? Para poder partir, teria de meter no bernal o Marão, o Douro, o Mondego, a luz de Coimbra, a biblioteca e as vogais da língua. [...] O meu partido é o mapa de Portugal”.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras, Teoria Literária, pela Universidade Federal de Pernambuco, Especialista em Literatura Brasileira pela FAFIRE. Professora de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira na Faculdade de Olinda - FOCCA. Artigo publicado em 2010 (Estudos sobre Miguel Torga, Org. José Rodrigues de Paiva. Ed. UFPE).

Torga possui uma obra de caráter nitidamente humanista. A infância vivida no campo entre os trabalhadores rurais, gente simples e rude com quem aprendeu o valor do ser humano, e o amor pelo chão que, ao ser cultivado, realiza a tarefa de perpetuação dos ciclos da natureza, foi determinante para que mais tarde pudesse descrever nos seus livros a sua gente, a aldeia singela, lugarejos perdidos encravados em montes coloridos de vida no verão e castigados duramente no inverno pelas nevascas. Essa gente que ri e beberica à porta das tabernas, que atravessa as vielas nas costas de burricos a apregoar quitutes, as mulheres que trabalham sem descanso, deixando a juventude roubada à beira dos riachos lavando roupa ou na roça crestando a pele sob o sol abrasador. Todos estão muito vivos em sua obra e são o seu povo, o que justifica plenamente a sua afirmação: “E queria outra pátria” (1995, p. 15). Conta através dos seus personagens da “emoção de ter nascido nesta pequena pátria pedregosa que é Portugal” (CHORÃO, 1995).

Galafura uma aldeia “debruçada sobre o Varosa” aos pés da montanha, foi “o berço digno da Maria Lionça”, bela cachopa de faces rosadas e olhos noturnos. Era comovente a forma como todos a respeitavam e reverenciavam e assim foi durante toda a sua vida e ainda mais na hora da morte. No prefácio à segunda edição dos Novos Contos da Montanha, Torga reporta-se ao leitor dizendo: “Escrevo-te da Montanha, do sítio onde medram as raízes deste livro. Vim ver a sepultura do Alma Grande e percorrer a via-sacra da Mariana”, roga também aos seus leitores a compreensão e amor pela dura sorte dos habitantes daquelas plagas, que, numa alquimia poética, transforma em frágeis semideuses e imbatíveis heróis.

Diferente de Maria Lionça, não há qualquer registro acerca da origem de Mariana. Era julho, uma festa de flores, folhas e muito verde espriava-se nos campos por onde Mariana com o filho ao colo, totalmente alheia ao que se passava ao seu redor, caminhava sem rumo certo. No meio da estrada, o encontro com Julio Pessanha interrompe a jornada. Enquanto espera o término da lida do campônio que diz “são só mais três talhadoiros...” (p. 110), senta sobre a relva e aconchega seu pequeno ao seio. Em seguida, as urzes, giestas e o céu brilhante são as testemunhas silenciosas da paixão saciada.

Mariana segue caminho e monologa “Meu rico filho! Dava-o agora assim de mão beijada! Não! que ele custou-me a parir e a criar...” (p. 109).

Galafura inteira era agradecida por ser merecedora de ter, entre os seus, alguém tão especial quanto Maria Lionça, e não foi sem uma pitada de desconfiança que assistiu a sua união com o Lourenço Ruivo, recém chegado da militança. E a aldeia inteira pediu pela sua felicidade. Lourenço Ruivo não correspondeu ao que todos esperavam dele, “engravatado aos domingos e de costas direitas o resto da semana” (p. 17), só esperou o nascimento de Pedro para tentar a sorte no Brasil, “o seio sempre acolhedor das nossas aflições” (TORGA, 1969). Maria ficou e aceitou resignada o destino das mulheres da montanha que “no meio do gosto do amor enviúvam com os homens vivos do outro lado do mar” (p. 17). Por anos a fio esperou notícias, resistindo bravamente aos verões abrasadores, invernos brancos e nortadas que carregavam para bem longe seus anseios de esperança e felicidade.

Três anos se passaram até que Mariana novamente trilhasse as encostas pedregosas e sombreadas de olmos à beira da estrada. Estava acompanhada de duas crianças, “uma menina de peito e um pequeno descalço e ruço que ia levando pela mão” (p. 111). Joaquim Fortunato tinha “nos braços rijos [...] o molho de verdura túmida [...] como um corpo de mulher a tentá-lo” (p. 11), e pergunta: “- Até onde é a ida?” “- Pedralva”, respondeu Mariana. Esfomeados e cansados, mãe e filhos foram alimentados com pão e queijo. Diz o narrador: “Foi, comeu, e em seguida o mesmo calor que já duas vezes a inundara apareceu-lhe no sangue a uma palavra do Joaquim”. Mariana olha para ele, pega o rapazinho pela mão dizendo: “vamos lá embora, meus filhos” (p. 112) e “a pequenita olhou-a com os olhos azuis do Julio Pessanha, sem ver nada” (p. 122). Longo, ainda, é o caminho a ser percorrido por Mariana, “como longo foi, na verdade, o caminho percorrido por Torga, a quem o destino como ele próprio escrevia no seu Diário de 1993, fez cair de pé, num desafio, à espera de um largo oceano para eternizar” (MIGUEL, 1996). E o oceano, esse desconhecido, permanecia obstáculo intransponível para Maria Lionça, que mirrava à espera do Ruivo sem queixas ou revoltas, apenas esperava tranquila e suave com o filho sempre ao redor, cuidando “do pobre patrimônio do casal que, por uma questão de honra e dignidade queria conservá-lo intacto e granjeado” (p. 18).

Enquanto isso, a peregrinação de Mariana continuava. Ia longe “em plena serra dos Corvos que uma manhã o Lopo deu por ela a atravessar o rebanho” (p. 113). Eram três agora a acompanhá-la, “um casal a pé, e nos braços um terroso cachopinho, a cara do Joaquim Fortunato por uma pena” (p. 113). O frio de março pedia aconchego, as chamas da fogueira acesa pelo pastor envolviam-os num calor dolente e, do cimo das árvores cobertas por uma fina transparência de algodão, caíam gotículas d’água, salpicando o chão e desenhando um caminho branco, imaculado, semelhante à pureza de sentimentos que era característica de Mariana. Diz Eduardo Lourenço (1995), “de Antero a Aquilino, poetas e prosadores fizeram baixar o céu à terra”, e Torga vai buscar na sua terra de infância, “sem mácula do pecado original” (LOURENÇO, 1995), a matéria-prima para escrever sobretudo os seus contos, fazendo aflorar das brumas de tempos idos, personagens simbólicos, toscos, mas de uma força interior que desenha o perfil ético e mítico do povo lusitano.

A atitude de Maria Lionça, diante do regresso do Ruivo, fez com que Galafura se curvasse diante de sua grandeza ao aceitá-lo incondicionalmente. Todos, principalmente Pedro, o filho, ansiavam por essa volta. Ao parar o trem na estação, o pai não era a sombra do que ele habituou-se a ver num retrato amarelado pelo tempo e colocado em lugar de destaque na sala da casa. O homem que ora chegava, qual filho pródigo e com festa, estava liquidado física e moralmente, e o “banquete” longamente sonhado tornou-se impossível de ser realizado. Ruivo retornava para morrer em casa. E assim foi, sob os cuidados de Maria Lionça, sustentado na sua debilidade por seus braços fortes, acomodado na cama simples, mas de lençóis impecavelmente limpos, fechou os olhos. “E no dia seguinte, pela manhã, a boca do cemitério de Galafura tragava-lhe os ossos descarnados” (p. 20). Este é um momento em que o texto adquire rara beleza, o manuseio das palavras, a prosa poética, a intimidade do autor ao partilhar com seus “filhos de ficção” os seus mais íntimos sentimentos, e retratar essa dor com tamanho realismo e delicadeza, vai totalmente de encontro ao que diz Eduardo Lourenço (1995) sobre o papel do escritor:

O seu papel não foi, como não é nunca o de escritor enquanto tal, o de povoar o seu reino maravilhoso com ficções consoladoras, mas de assumir pela escrita um drama de séculos que a poesia pode invocar mas não resolver. O Portugal de Torga é antes de mais o das suas criaturas descritas sem complacência mas com fundo sentimento de identidade de destino.

E o destino traçado por Mariana não era duro nem doloroso, a ela bastavam os filhos, qualquer relva macia era o cenário perfeito para recebê-los e também para tê-los. É grande a sua indignação ao receber a proposta do Lopo de deixar com ele o mais velho, argumentando: “Eu, com a idade dele guardava cabras...” (p. 114). A cria é defendida com veemência: “Deixá-lo! Há cada uma! Ia agora deixar-lhe o menino!”. Mariana via a terra como infinita, e havia muitos caminhos ainda a percorrer. Todos os bosques e vales abriam-se para novos horizontes que precisavam ser conhecidos. As crianças – agora sete no total – alimentavam-se dos frutos nos pomares e da caridade alheia. Os homens que encontrara pelo caminho não significavam nada. “A pureza com que se entregava tocava-os de uma força criadora e irresponsável que os imaterializava como deuses distantes. A terra humilde era ela. Eles actuavam apenas como o vento, que traz a semente e passa” (p. 117). A costumeira “esmola de sábado em casa do Sr. Vitorino” (p. 118) força-a a encontrar o olhar inquisidor e crítico da doce e pura Marília, que indaga: “- Essa mulher continua na mesma vida?” “- Pouca vergonha maior!” (p. 118). E enquanto Mariana e sua prole se alimentavam da generosa refeição, a outra interpela: “- Olha lá, os pais dos pequenos não tomam conta deles?”, ao que Mariana ingenuamente respondeu: “- Saiba a menina que não tem pai... são só meus...” (p. 119).

Prosa repleta de poesia, Torga mostra com mestria um Portugal de “uma pobreza não envergonhada, de recantos ainda preservados e santuários ainda não profanados” (CHORÃO, 1995). A cultura, as raízes do seu povo, elementos que, com clássico requinte, estão presentes nos seus contos, contribui para formar o que ele chama “o dicionário da terra, a gramática da paisagem e o espírito Santo do povo” (CAYRON, 1985).

Após a morte de Ruivo, diz o narrador, “saiu mais viva ainda a figura de Maria Lionça” (p. 20). A serenidade com que enfrentou a tempestade foi a mesma de quando o filho Pedro, desencantado, foi embora para Lisboa. A mulher, de alma calejada pelas agruras da vida, recomeça a via-crucis interrompida indo diariamente ao correio em busca

de notícias do filho, sem êxito. As pedras e arbustos do caminho reconheciam o caminhar lento e cansado daquela que se transformara em sinônimo de bravura e heroísmo em Galafura. Um dia, após um telegrama, ela partiu. A aldeia, no dia seguinte, num misto de surpresa e dor, assiste seu regresso a carregar “nos braços de sessenta anos” (p. 22) o filho morto. Assim o recebeu no hospital e trouxe-o acalentando como se vivo estivesse, durante todo o percurso do trem para casa. E finaliza o narrador, “E daí a pouco, no macho do Preguiças, o Pedro subia a serra para dormir o derradeiro sono em Galafura, que era ao mesmo tempo a terra onde nascera e o regaço eterno de sua mãe” (p. 23).

O cruzamento dessas duas vidas – Maria Lionça e Mariana – nos faz lembrar os versos de Buarque de Holanda: “O acaso fez com que essas duas, que a sorte triste separou se cruzem pela mesma rua olhando-se com a mesma dor”. Só a literatura e o olhar atento e sensível de Torga para captar o universo interior que abriga almas tão distintas e ao mesmo tempo tão próximas, movidas pelo amor, pela dor e pela pureza de sentimentos que são comuns a ambas.

Segundo afirmação de Eduardo Lourenço (1995), “O céu da Literatura, entenda-se que nunca é sereno”, e esse palco transmontano armado para cenário de contos de amor, lida, solidão e sofrimento foi, na obra de Torga, o espaço perfeito capaz de dar vida aos seus “filhos de ficção”, cujos corações enterrados na montanha fazem brotar giestas, urzes e torgas, tal qual o do poeta, que no chão, “numa campã rasa ao lado dos pais e da irmã rodeado de torgas que foram espalhadas sobre a terra” (MIGUEL, 1996), volta ao seu habitat natural.

## Referências

CAYRON, Claire. **Itinerário duma tradução**: a edição francesa da obra de Miguel Torga. **Colóquio/Letras**, Lisboa: n. 87, 1985.

CHORÃO, João Bigotte. O monodialogo de Torga. **Colóquio/Letras**, Lisboa, nº 135/136, jan/jun, 1995.

LOURENÇO, Eduardo. O Portugal de Torga. **Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 135/136, jan/jun. 1995.

MIGUEL, Salim. Miguel Torga: o “perfil duro” do “médico-poeta”. **Encontro: Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco**, Recife, n. 12, jun. 1996.

TORGA, Miguel. **Novos contos da montanha**. 5. ed. Coimbra: Coimbra Ed., 1967.

\_\_\_\_\_. **Contos da montanha**. 4. ed. Coimbra, 1969.